

Simpósio Temático 20

Evolução histórica da escrita e procedimentos de alfabetização

Élie Bajard - Assessorias Secretaria Municipal de Educação de Marília

RESUMO:

Desde seus primeiros tempos, a escrita passou por várias etapas nas quais podemos observar uma dupla evolução. Na primeira ocorreu uma "fonologização" gradativa até o nascimento do alfabeto grego, mediante a invenção da notação das vogais e do surgimento da escrita contínua. Através da segunda, a escrita, até então réplica da oralidade, baseada em letras com valor sonoro, sofreu uma "ideografização" que a transformou em língua autônoma, constituída por unidades caracterizadas por sua função discursiva.

Essa segunda evolução foi selada pela invenção de Gutenberg, que transformou letras em tipos de chumbo classificados nas caixas alta e baixa, disponíveis ao olho e à mão do tipógrafo. Gutenberg deu corpo e visibilidade ao caractere, quando a letra era apenas abstração. A imprensa consagrou assim invenções medievais que adulteraram a biunivocidade da relação letra/som. Um conjunto de caracteres com impacto sobre o significado se substituiu ao alfabeto.

Apesar da explosão das linguagens visuais nos século vinte, essa visão renascentista de uma linguagem para os olhos teve pouco efeito sobre os procedimentos atuais de alfabetização, cunhados pela visão fonocêntrica ocidental. Quase todos eles visam o domínio das correspondências entre fonemas e grafemas que operam fora da função discursiva da língua escrita, na medida em que o grafema não tem existência fora da sua relação com o fonema. Tal concepção da aprendizagem não pode ser inocentada pelo elevado número de analfabetos funcionais que saem da escola sabendo pronunciar sem compreender. Ao implantar a imprensa escolar, Celestin Freinet, herdeiro de Gutenberg, propunha escrever com a mão guiada pelo olho, sem mediação vocal.

Nossa reflexão, construída a partir de prática alternativa de educadoras de crianças de 3 e 4 anos oriundas da periferia de São Paulo, engajadas numa escrita tipográfica (ortográfica), evidencia o pensamento único da sociedade e de seu sistema escolar, prisioneiro daquilo que Jacques Derrida chama de fonocentrismo, que dificulta a experimentação pedagógica fora da relação entre a letra e o som.

Enviar para o e-mail:
gtn.historia.cultural@gmail.com